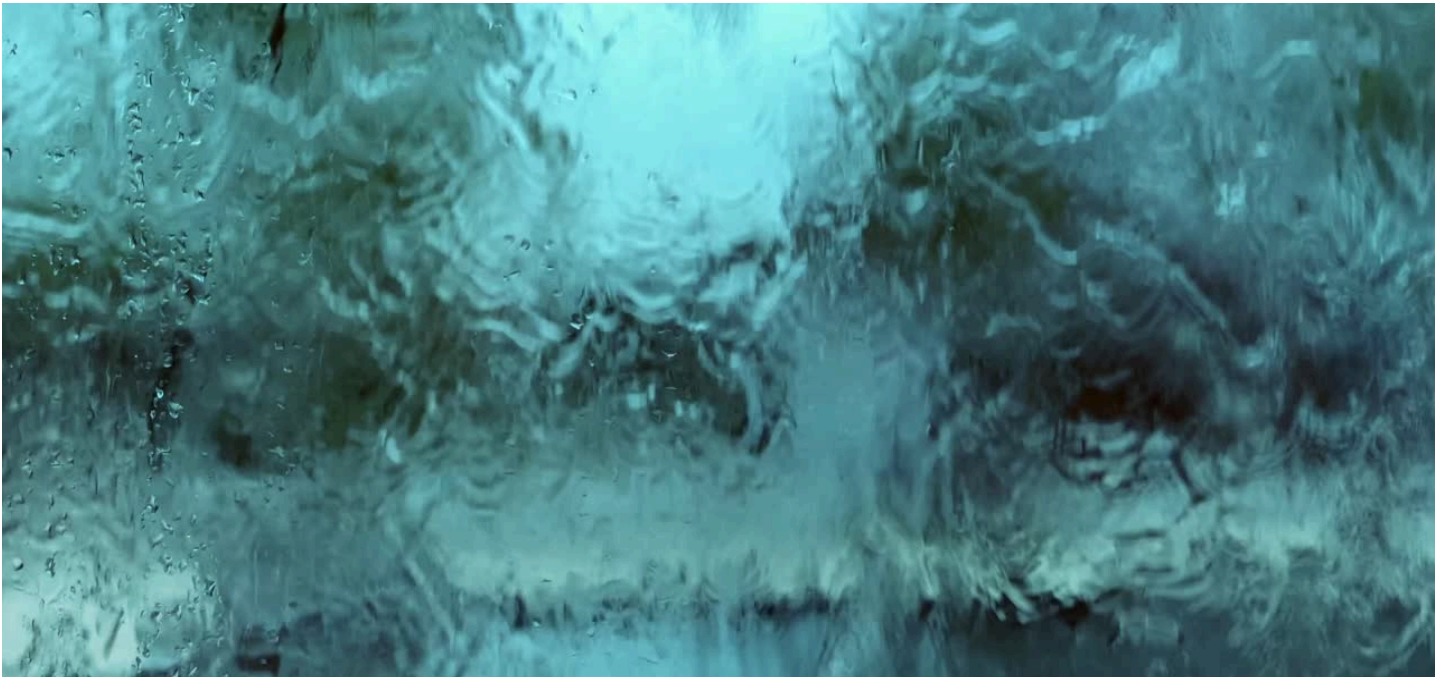


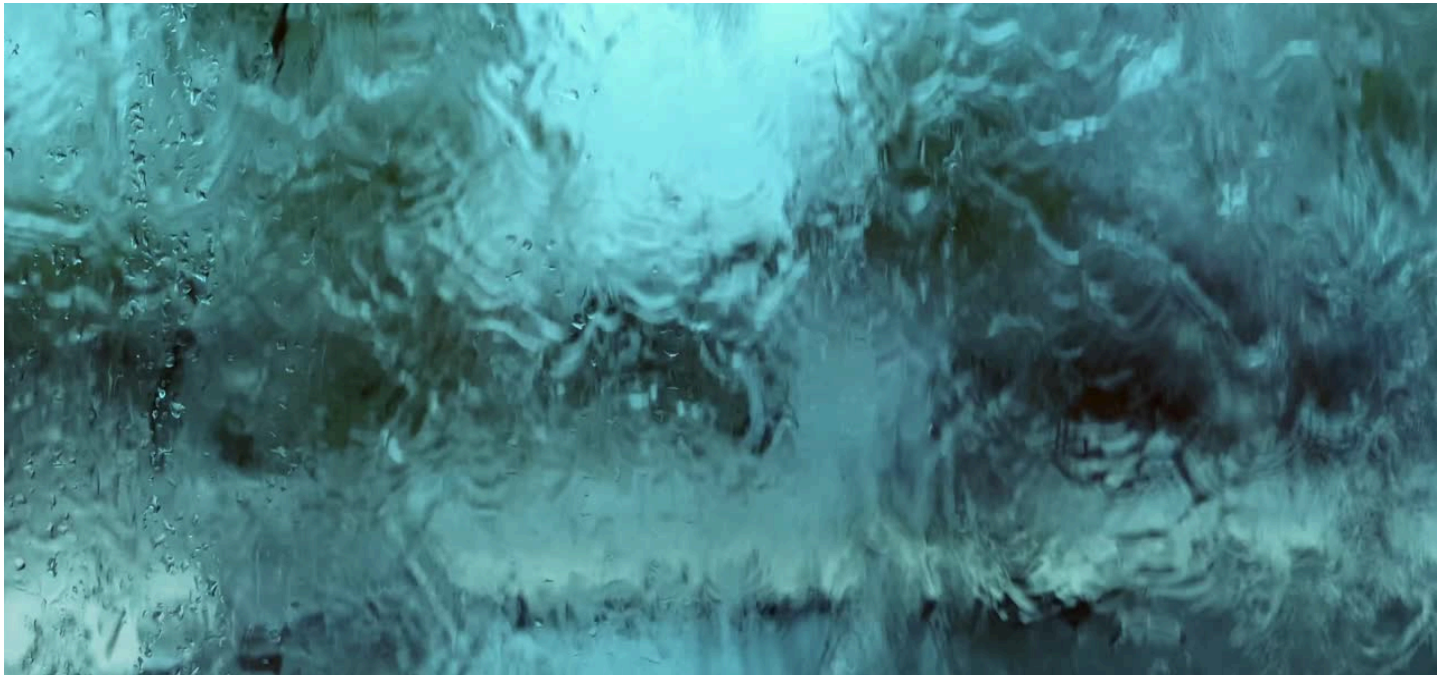
**O Bioma em Movimento:
Onde a Utopia Ganha Rosto
I Encontro de Parceiros.**

Agrupamento de Escolas Rodrigues de Freitas



Uma rede de mais compromissos pelo futuro





O Bioma em
Movimento: Onde a
Utopia Ganha Rosto



Uma Rede de mais compromisso pelo futuro Para Uma Pedagogia da Esperança, da Comunicação e do Encontro

"Tudo é diferente de nós e por isso é que tudo existe" (Fernando Pessoa)

"A desintegração é provável. O improvável, mas possível é a metamorfose. O que é uma metamorfose?
Nós vemos inúmeros exemplos no reino animal. A lagarta que se fecha num casulo começa um processo ao mesmo tempo de destruição e de autoreconstrução, como uma organização e uma forma de borboleta, diferente da lagarta, permanecendo a mesma." (Edgar Morin)

"A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar." (Fernando Birri, citado por Eduardo Galeano)

"Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama pesquisar. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de desaprender... Sapientia: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível." (Roland Barthes, Lição)

"De scire veio toda a nossa ciência... É um gesto de discernir ou de distinguir. O sapere aproxima-se das coisas a partir do que elas têm de único: o sabor, o gosto... e fica um saber que não sabe a nada."
(Eduardo Prado Coelho)

Vivemos num tempo de paradoxos. A escola, instituição secular, herdeira de séculos de sedimentação cultural e epistémica, encontra-se hoje perante uma encruzilhada existencial: ou se fecha sobre si mesma, repetindo gestos que o mundo já não reconhece como transformadores, ou aceita o risco de uma metamorfose. A imagem que Edgar Morin nos oferece é, a este respeito, iluminadora: tal como a lagarta que se encerra num casulo não sabe ao certo o que será quando emergir, também a escola que se regenera não pode garantir, de antemão, todas as formas que haverá de assumir. O que é certo é que a desintegração — o esvaziamento lento de sentido, a erosão da relação pedagógica, o divórcio crescente entre o que se aprende e o que se vive - é o caminho mais provável se nada mudar. A metamorfose não é destruição pura. É, como nos ensina a biologia, um processo simultâneo de dissolução e recomposição, onde aquilo que persiste é precisamente a identidade essencial do ser vivo. A escola que se regenera não apaga o seu passado; pelo contrário, relê-o com novos olhos, recupera o que nele havia de mais vivo e abandona o que se foi tornando casca vazia. É neste sentido que a regeneração educativa não constitui uma rutura violenta com a tradição, mas antes uma metamorfose cuidada, comprometida e coletiva.

A distinção que Eduardo Prado Coelho recupera do latim - a diferença entre scire e sapere - revela-se, neste contexto, de uma acuidade extraordinária. A escola moderna organizou-se, em larga medida, segundo a lógica do scire: um conhecimento que recorta, divide, classifica e hierarquiza. Disciplinas estanques, avaliações que medem o que foi retido e não o que foi compreendido, currículos que se sobrepõem sem se encontrarem - tudo isto é expressão de uma epistemologia do discernimento frio, que separa o conhecimento da experiência vivida e o saber do sabor.

Roland Barthes, na sua magistral Lição, propõe-nos uma outra ordem de experiência: a do desaprender. Não se trata de ignorância deliberada, mas da disposição para deixar que o saber sedimentado seja atravessado pelo imprevisto, para que o esquecimento produtivo abra espaço ao remanejamento criativo. Esta sapientia - esse saber com sabor - é o horizonte de uma pedagogia da esperança: uma pedagogia que não se contenta apenas em transmitir conteúdos, mas que cultiva a sensibilidade, o espanto, a capacidade de ser afetado pelo que se aprende.

Uma escola que se regenera precisa, antes de mais, de recuperar este sapere perdido. Não abolindo o rigor, mas situando-o ao serviço da vida. Não eliminando o conhecimento, mas tornando-o saboroso - isto é, capaz de alterar quem o recebe, de deixar marcas, de criar sentido. Só assim será um “conhecimento poderoso” e democrático.

Para compreender o que significa regenerar a escola, é útil recorrer à metáfora do bioma. Um bioma é um sistema vivo complexo, onde nenhum elemento funciona isoladamente e onde a saúde do conjunto depende da diversidade das partes e da qualidade das suas inter-relações. Esta metáfora é particularmente fecunda para pensar a organização escolar porque nos afasta de modelos mecanicistas - onde cada peça tem uma função fixa e substituível - e nos aproxima de uma lógica sistémica e ecológica.

No bioma escolar, a interdependência é condição de existência. Uma mudança no currículo ressoa nas práticas pedagógicas; uma alteração nos modos de avaliação afeta a motivação dos alunos e o trabalho dos professores; a forma como os espaços estão organizados condiciona o tipo de relações que neles se podem estabelecer. Pensar a escola como um bioma significa, portanto, abandonar a tentação das reformas parcelares e assumir que qualquer transformação genuína exige uma visão sistémica e articulada.

A diversidade é, neste quadro, não apenas tolerada, mas celebrada. Assim como um bioma saudável se caracteriza pela biodiversidade - pela multiplicidade de espécies que se apoiam mutuamente e criam resiliência coletiva -, uma escola eficaz e justa cultiva a diversidade de estratégias pedagógicas, a diferenciação e personalização das aprendizagens e a abertura a múltiplos percursos formativos. Reconhece que os alunos não são todos iguais, que aprendem de formas distintas, que trazem histórias diferentes, e que a uniformidade curricular não é garantia de equidade, mas muitas vezes a sua negação.

A adaptação e a evolução completam este quadro. O bioma escolar precisa de se ajustar continuamente - às características dos seus alunos concretos, às mudanças sociais e tecnológicas aceleradas, às políticas educativas que o enquadram. Esta capacidade adaptativa não é sinónimo de deriva ou de oportunismo; é, pelo contrário, expressão de uma inteligência coletiva que sabe responder ao que o contexto exige sem perder de vista a sua orientação de fundo.

Pensar a escola como bioma tem implicações práticas concretas e exigentes. A primeira é o abandono definitivo dos modelos lineares e mecanicistas: currículos rígidos que se sucedem sem diálogo, ensino uniforme que ignora a heterogeneidade das turmas, avaliações que medem apenas o que é mais fácil de medir. Em seu lugar, uma lógica sistémica onde as decisões curriculares, pedagógicas e avaliativas se articulam conscientemente e onde a coerência interna do projeto educativo é permanentemente verificada e reajustada.

A regeneração passa também pela criação de ambientes de aprendizagem verdadeiramente flexíveis: agrupamentos dinâmicos que respondem a necessidades específicas e temporárias, modularização que permite itinerários personalizados, interdisciplinaridade que devolve ao conhecimento a sua unidade profunda. Estes ambientes exigem arquiteturas físicas e organizativas diferentes - espaços que se abrem e fecham consoante o que cada momento pedagógico requer, tempos que se modulam de acordo com a natureza das aprendizagens.

A autorregulação do sistema é outro vetor central. Uma escola que se regenera confia nas suas equipas pedagógicas - dá-lhes autonomia real, cria condições para que desenvolvam capacidade de reflexão e de ajuste, e institui culturas de colaboração onde o saber de cada professor alimenta o saber coletivo. A

liderança distribuída - que partilha responsabilidades e reconhece que a inteligência organizacional não reside num único ponto hierárquico - é condição necessária para esta autorregulação.

Estas orientações aproximam-se das abordagens contemporâneas que entendem as escolas como sistemas complexos adaptativos, que apostam na personalização das aprendizagens como princípio de equidade, e que constroem ecologias de aprendizagem ricas e diversificadas. Não se trata de importar modelos estrangeiros, mas de reconhecer que as melhores intuições da tradição pedagógica - de Dewey a Paulo Freire, de Rui Grácio a Agostinho da Silva - apontavam já nesta direção.

A regeneração educativa precisa de uma utopia que a oriente. Não uma utopia ingénuo, que acredita que a escola pode salvar o mundo sozinha ou que a pedagogia resolve o que a política não quis resolver. Mas uma utopia operativa, no sentido que Fernando Birri, pela voz de Eduardo Galeano, lhe empresta: a utopia não serve para ser alcançada, serve para nos fazer caminhar. Serve para que, perante cada obstáculo, cada resistência, cada derrota parcial, não deixemos de nos orientar por aquilo que acreditamos ser possível e desejável.

A Pedagogia da Esperança - conceito que Paulo Freire tornaria inesquecível - não é otimismo fácil nem voluntarismo ingénuo. É, antes, a convicção de que a educação é um ato político e ético, que cada sala de aula é um lugar onde o mundo se repete ou se recria, e que cada professor e cada escola têm a responsabilidade - e o privilégio - de escolher que tipo de mundo querem contribuir para construir.

O verso de Fernando Pessoa que abre este texto - "Tudo é diferente de nós e por isso é que tudo existe" - pode ser lida como um convite à alteridade radical: é porque o mundo não somos nós, é porque os alunos não são extensões dos nossos saberes e das nossas experiências, é porque o futuro não repete o presente, que a escola existe. A escola existe para que a diferença seja possível, para que cada geração possa ser outra coisa que a anterior, para que o improvável - a metamorfose - não seja renunciado à partida.

A regeneração de que aqui se fala não é tarefa solitária. Não pode ser obra de um professor iluminado, de uma escola isolada, de uma reforma administrativa bem-intencionada. É, por natureza, uma obra coletiva — uma rede de compromisso que envolve professores, alunos,

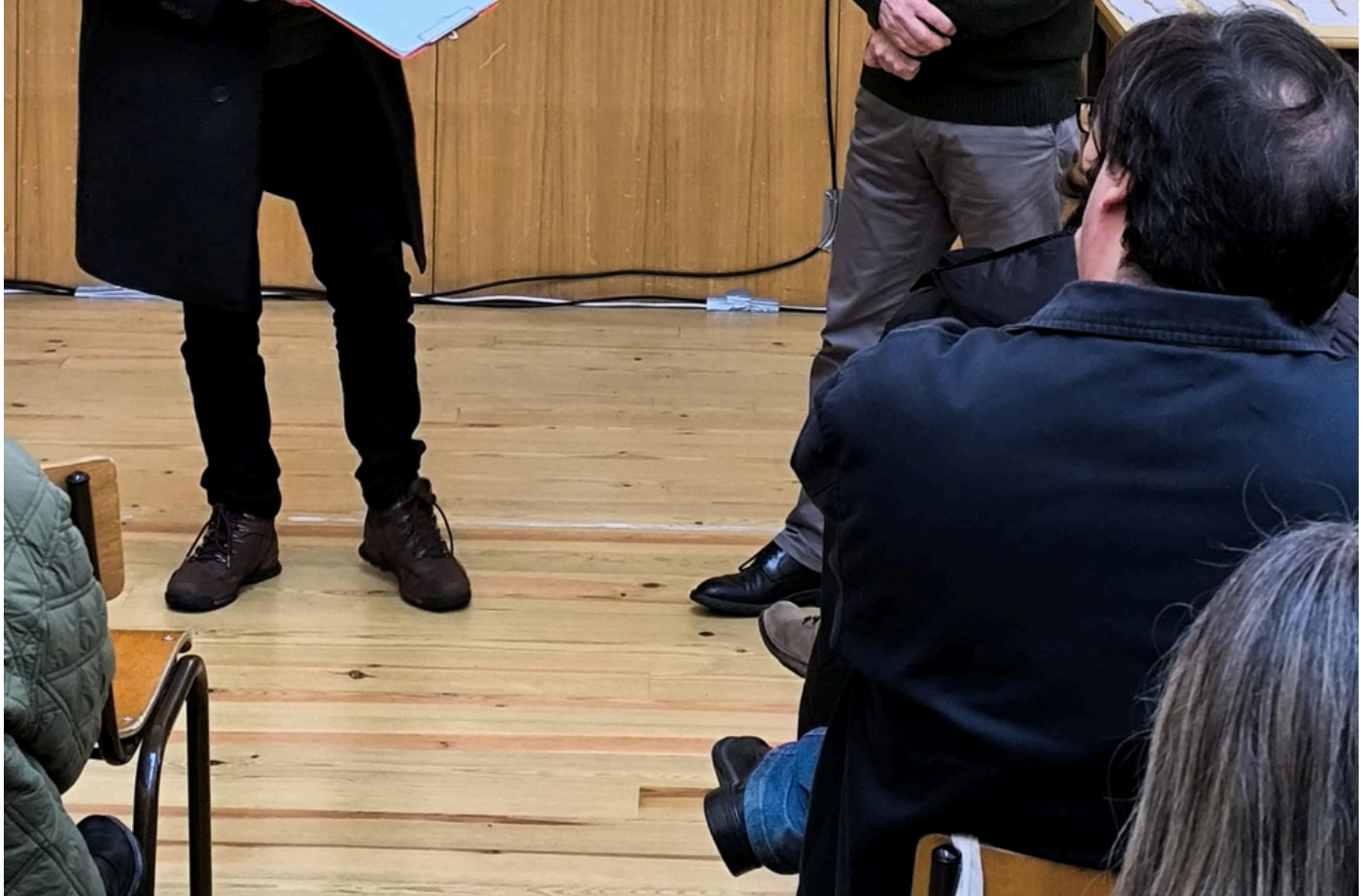
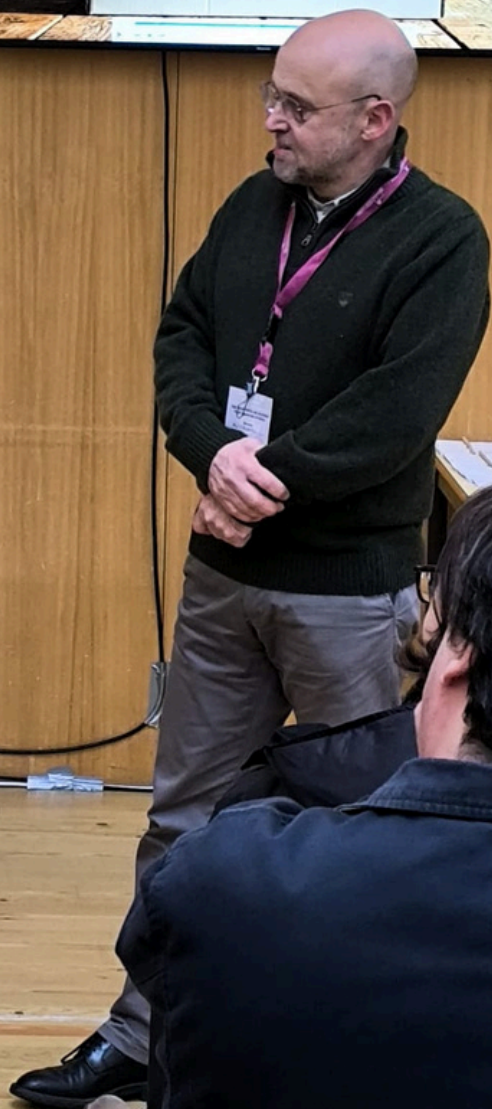
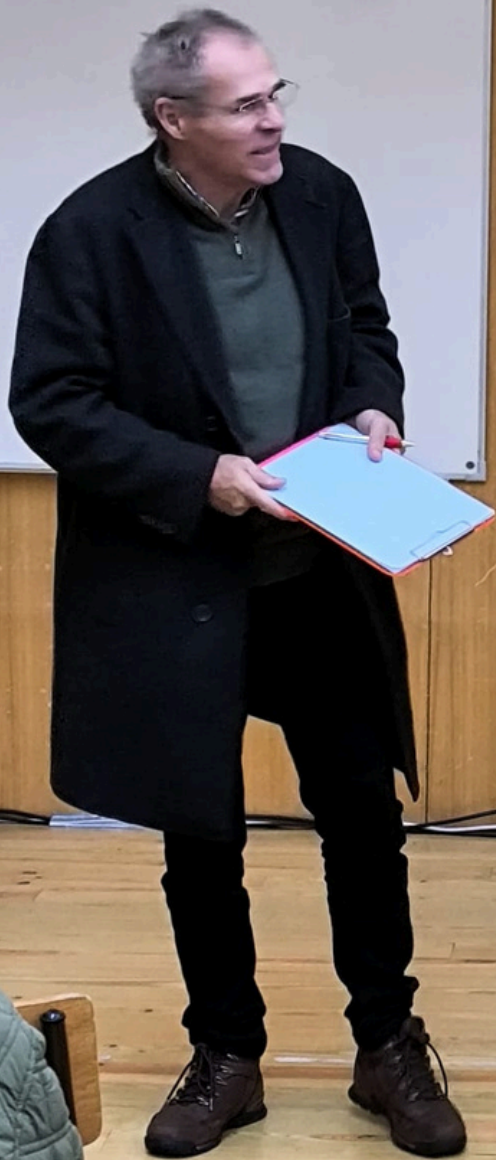
famílias, comunidades, investigadores e decisores políticos. Uma rede onde cada nó é responsável pelo conjunto, onde a confiança circula como condição de funcionamento, e onde o compromisso com o futuro é mais forte do que a defesa dos territórios do presente.

Regenerar a escola é, em última análise, regenerar o pacto que uma sociedade estabelece com o seu próprio futuro. É recusar a resignação, rejeitar o fatalismo que diz que as coisas são como são e não podem ser de outra forma. É escolher - e escolher é sempre um ato de liberdade - que o improvável vale a pena ser tentado. Que a metamorfose, com todo o risco que comporta, é preferível à desintegração silenciosa. E é por isso que a utopia continua a ser necessária. Para que não deixemos de caminhar.

E foram estes os ensinamentos e as aprendizagens que o Agrupamento de Escolas Rodrigues de Freitas nos proporcionou no seu primeiro encontro de parcerias educativas. E que são a rosa-dos-ventos de uma ação pedagógica comprometida e empenhada em fazer florescer o potencial humano que existe em cada um dos membros da comunidade educativa.

José Matias Alves

Professor Associado Jubilado da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa



FICHA TÉCNICA

Título da Publicação: O Bioma em Movimento: Onde a Utopia Ganha Rosto I encontro e parceiros.

Conceção e Organização: Agrupamento de Escolas Rodrigues de Freitas (AERF).

Organização :

Eurico Mateus

Henrique Almeida

Márcia Carneiro

Marina Costa

Textos e Contributos:

- José Matias Alves (Professor Associado Jubilado da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa).
- Henrique Almeida (Diretor do Agrupamento de Escolas Rodrigues de Freitas)
 - Autor do texto "Um Bioma em Construção: Onde o Futuro Cria Raízes".

Data de Realização do Encontro: 24 de janeiro de 2026.

Data de Edição: maio 2026

Edição e Paginação: Henrique Almeida

Fotografia: Tânia Costa; Francisca Costa; Gaspar Paiva

Entidades Parceiras Participantes:

Arco Maior.

Associação Comercial do Porto.

Associação de Estudantes AERF.

Associação de Pais e Encarregados de Educação dos Alunos da EBSRF.

Associação de Pais EB Bandeirinha.

Associação de Pais EB Torrinha.

Associação do Porto de Paralisia Cerebral (APPC).

Hypatiamat.

Câmara Municipal do Porto.

Casa de Cedofeita.

Centro de Astrofísica da Universidade do Porto: Planetário - Centro Ciência Viva

Centro de Formação de Escolas do Porto Ocidental.

Centro Materno Infantil do Norte.

Centro Qualifica A.E.F.P. Melo.

Centro Social e Paroquial de São Nicolau.

Escola Artística - Conservatório de Música do Porto.

Escola Artística e Profissional Árvore.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP).

Fios e Desafios - Associação de Apoio Integrado à Família.

Infolusa.

IRMC (Formação & Consultoria).

Leya.

Manga a Pé.

On The Road - Associação Humanitária.

Pé de Cabra.

Plano Nacional das Artes.

Polícia Municipal do Porto.

TVI / CNN Portugal Norte.

União de Freguesias do Centro Histórico do Porto (Cedofeita, St. Ildefonso, Sé, Miragaia, S. Nicolau e Vitória).

Winmotional.